



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA

JÉSSICA ROBERTA DE SOUZA CAVALCANTE

**IDENTIDADE NEGRA E A (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTIGMAS
POR MEIO DO DISCURSO: A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA
PARA UMA FORMAÇÃO MULTICULTURAL**

Orientador:

Ms. Silvestre Coelho Rodrigues

JOÃO PESSOA

2014

JESSICA ROBERTA DE SOUZA CAVALCANTE

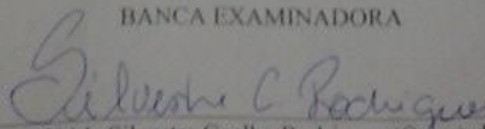
**IDENTIDADE NEGRA E A (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTIGMAS POR
MEIO DO DISCURSO: A ATUAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA PARA UMA
FORMAÇÃO MULTICULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Bacharelado de Psicopedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

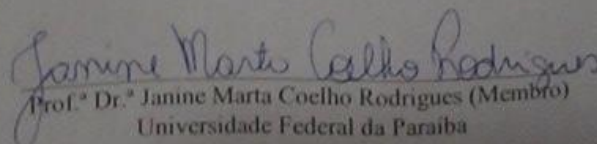
Orientador(a): Prof.^a Ms. Silvestre Coelho
Rodrigues

Aprovado em: 14 / 08 / 2014

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms Silvestre Coelho Rodrigues (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba



Prof.^a Dr.^a Janine Marta Coelho Rodrigues (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a participação de pessoas que muito me auxiliaram e incentivaram nos momentos de indecisão, angústias e alegrias. Sinto-me realizada por tê-las comigo, poder contar com seus afetos e atenção.

Meu especial agradecimento aos professores Silvestre Coelho Rodrigues e Janine Marta Coelho Rodrigues pelo carinho, amizade, orientações e conselhos de modo afetivo e pleno de compreensão.

Aos meus Pais, Socorro e Sergio, pelos anos de amor e apoio, pelo colo diário e por cada “eu te amo” que eu já escutei ou que pude dizer.

Aos meus amigos Watusi, Danielli, Renã, Felix, Geísa e Deco por cada conselho, abraço carinhoso, pelos momentos que enxugaram minhas lágrimas, pela certeza que me promoveram, pelos sorrisos que me despertaram, pelas músicas que me inspiraram e pelo amor diário. Vocês me ensinaram que o amor transcende as fronteiras de nosso lar, me mostraram que mesmo em um mundo com tantas pessoas e também tanta insegurança, é no braço de vocês que encontro meu porto seguro. Que amar é perdoar diariamente e que amar também implica a aceitar defeitos, que somos livres para amar mas dependentes do amor e principalmente que palavra só é verdadeiramente bonita quando vem repleta de sentimentos. Obrigada pelo amor e obrigada por amar vocês.

Ao Coletivo da Saúde – UFPB que foi o primeiro espaço de militância qual eu tive contato, nele aprendi a me importar com a sociedade qual estou inserida, a lutar pela garantia de direitos e ampliação de políticas públicas e que me deu oportunidade para vir ocupar outros espaços, ampliando assim minha instiga e desejo de mudança.

RESUMO

Esse artigo tem como principal objetivo trazer o resultado de uma análise realizada na escola básica da Universidade Federal da Paraíba, pois o contexto educacional é espaço de construção de identidade e estigmas. Os discursos presentes nesse espaço remodela a subjetividade de um sujeito social interferindo assim na construção de sua identidade e no olhar que ele tem para outros sujeitos. Utilizamos como metodologia principal a análise dos discursos de crianças que estão na educação infantil, pois mesmo elas sendo tão jovens e em processo de construção da identidade podemos encontrar elementos de uma (des) valorização da etnia negra e sua cultural. Para tanto nos baseamos em Michael Foucault, Goffman e Freud para compreender a formação desse discurso e entender como o Psicopedagogo poderá utilizar o discurso como instrumento de formação de cidadania e nos processos de ensino- aprendizagem.

Palavras- chave: Psicopedagogia, Subjetividade e Análise de Discurso

1. INTRODUÇÃO

A escola por ser um espaço de formação de conhecimento e cidadania também tem a responsabilidade de auxiliar no processo de construção da identidade dos sujeitos sociais. Como percebemos nosso corpo e conseqüentemente como nos percebemos também é consequência de fatores sócio-culturais, a escola é um espaço que também determina como irei lidar com as múltiplas identidades presente nos sujeitos sociais. É preciso que possamos olhar para a escola não só como um espaço de conhecimento, mas como um espaço de condicionamento de subjetividades, formação de cidadania e de uma reflexão crítica para os sujeitos sociais

Essa pesquisa tem como principal objetivo analisar a escola como um espaço de construção de identidade e estigmas, perceber como o discurso em sala de aula pode ser tão forte ao ponto de remodelar a subjetividade de um sujeito social determinando assim na construção de sua identidade e no olhar que ele tem para outros sujeitos. Analisar também como o discurso de crianças que estão na educação infantil, ainda sendo tão jovens e em processo de construção da identidade podemos encontrar elementos de uma (des) valorização da etnia negra e sua cultural. E como esse discurso diz sobre muito quem somos. Para tanto, essa análise seguirá à luz dos estudos foucaultianos para que possamos compreender as relações de poder presente na construção de saberes e dos arquétipos presente nas identidades dos sujeitos sociais.

Com isso precisamos inserir na escola a presença de um discurso multicultural para que a diversidade não seja vista como algo exótico mas como um elemento essencial para a nossa sociedade, dessa forma que os sujeitos sociais sejam representados em todos os espaços e que, com a educação possamos construir um novo poder, um poder popular e que valorize os elementos culturais com suas múltiplas formas de saberes.

2. IDENTIDADE UMA CONSTRUÇÃO DE MUITOS FATORES

A escola é um cenário não só de ensinamentos e processos de construção de aprendizagens mas também um cenário de construção de identidades e consequentemente interfere e muito na formação da subjetividade dos sujeitos. A escola é possibilitadora de conhecimentos e formadora também de cidadãos conscientes. É na escola que aprendemos sobre as regras de melhor convivência e até mesmo conhecimentos introdutórios sobre as leis de nosso país, é nela que damos um passo importante na descoberta de qual profissão queremos ter para as nossas vidas, descobrimos o que gostamos de fazer e nesse ambiente criamos processo identificatórios.

A escola produz conhecimento e identidades. Diante disso é preciso repensarmos essa escola, para que ela não seja apenas mais um dos muitos instrumentos de poder que está concentrado nas mãos do Estado. A formação da escola em si, trás paradigmas neoliberais, fundamentados em plena sociedade iluminista que muito valorizava o materialismo e a extrema valorização pela racionalidade. Diante disso, criou-se uma visão universal da educação e consequentemente universalizando muitas vezes as culturas e os sujeitos. A escola por muito tempo foi um espaço que impunha não apenas regras ou conhecimentos, mas que principalmente ditava como deve ser a sociedade. Então por muitos anos nem todos os sujeitos sociais foram reconhecidos nesse espaço educacional, alguns por muito tempo foram tratados como algo exótico ou estranho “a normalidade”

A educação por ainda ter uma visão eurocêntrica, qual pouco representa as manifestações culturais presentes no mundo e consequentemente as manifestações culturais que cada sujeito social trás consigo, por muito tempo o negro foi erroneamente representado nos livros. Os ciganos o tempo todo são confundidos com bruxos e pecadores que foram brutalmente assassinados durante a inquisição, os negros foram reduzidos apenas a samba, escravidão e feijoada e grandes vilões da história como Hitler tem um autentico protagonismo garantido nos livros de história e geopolítica. De fato a humanidade não deve esquecer as atrocidades cometidas durante as guerras mundiais e disputas territoriais, mas a humanidade precisa também conhecer que povo considerado como “minorias sociais” que são oprimidos por pouco estarem inseridos nas instituições de ensino superior ou no congresso nacional, ainda assim, esses povos tiveram sua importância cultural e histórica. O negro não deve ser representado apenas como um escravo, mas como símbolo de luta e heroísmo. E a partir do momento que a escola trata

esses sujeitos sociais seja como algo exótico ou simplesmente não protagoniza-os estamos formando identidades e assim também fortalecendo estigmas.

A escola fortalece rótulos seja de inferiorização de alguns sujeitos sociais e com essa atitude temos um conhecimento limitado, pois o conhecimento autentico é aquele que representa a todos, que trabalha como os múltiplos saberes. A escola não deve se limitar apenas em formar cidadãos para o mercado de trabalho, os sujeitos sociais não devem se reduzir apenas a mão-de-obra qualificada, a escola está formando protagonistas para uma sociedade, esse sujeitos precisam estar conscientes da importância de sua função social e principalmente compreender a ampla dinâmica social.

Diante disso faz-se necessário uma educação multicultural, uma escola que não seja apenas mais uma ferramenta estatal mas uma escola que aplique as politicas públicas do estado e os direitos humanos que garantem a valorização cultural e étnica desses sujeitos sociais. Direitos esses que só são garantidos depois de um longo processo de luta e disputa, que ate hoje os coletivos sociais disputam para serem representados nos currículos das escolas. E toda essa disputa refletirá consequentemente na identidade dos sujeitos sociais que fazem parte dessa escola.

Segundo Vieira (2009 p.40) como manifestação empírico-políticas, o multiculturalismo remete à reivindicação de reconhecimento público, em geral por meio do estado, de que determinados grupos tem preferencias e necessidades especiais que precisam se materializar em direitos coletivos específicos. Sabemos que o acesso ao ensino superior ainda é desigual, apenas 15% da população negra possuem ensino superior e é valido ressaltar que 52% da população brasileira é constituídas de pessoas de etnias negras (informações do DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, referente ao ano de 2013). Diante dessa realidade, é necessário a existência de politicas públicas e ações afirmativas para gerar uma igualdade ao acesso a educação, porque a educação é um direito básico e humano. Educação não pode ser tratado como artigo de luxo ou requinte, ou mercadoria como tem sido usada como moeda de troca, qual universidades particulares tem se transformado em verdadeiras lojas de diplomas. É preciso uma educação gratuita e de qualidade, uma educação que represente todos os sujeitos sociais e que possibilite que esse sujeitos cheguem ao poder. Que esse poder seja desconstruído e se torne verdadeiramente popular, que a escola ensine conhecimento e não apenas qualifique mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Segundo Castell (1999 p. 50) identidade é o processo de construção de significados com base em um atributo cultural. Não podemos confundir identidade com papéis sociais, porque papéis sociais é a função qual exerce na sociedade e identidades por sua vez constituem fontes de significados para esses sujeitos.

A identidade é um processo contínuo presente na vida desses sujeitos, a partir do momento que começamos com as relações sociais damos início a construção de nossa identidade, uma criança em seu lar, ao conviver com seus familiares, lidar com signos como memória de sua família e os valores que ela ensina - mesmo uma criança com tenra idade, irá começar a construir sua identidade que será responsável futuramente por seu papel na sociedade, por sermos sujeitos sociais ativos, somos portadores de direitos que tem por função possibilitar a garantia de vida com uma qualidade, a exemplo do acesso a saúde, educação, segurança, território e respeito étnico.

Todavia é válido ressaltar que a construção dessa identidade também é um processo subjetivo, pois o sujeito se difere de outros, ele se identifica e com isso traz para sua personalidade elementos do meio exterior como também elementos de seu inconsciente interfere nas suas relações sociais e consequentemente na dinâmica da sociedade qual vivemos. Segundo Vieira (2009 p. 60) os indivíduos são seres sociais cujas identidades são moldadas pelas práticas relações e narrativas comuns da comunidade em que estão imersos.

A construção da identidade é um processo contínuo, fruto das mudanças sociais e também das mudanças desses sujeitos, sendo assim fruto das nossas relações íntimas ou dos desejos de nosso inconsciente e em contato com o meio, ocorre uma estimulação para o auto-descobrimento, ou seja a partir do momento que vamos tendo essa convivência social vamos também nos conhecendo melhor, porque somos também fruto das relações com outras pessoas.

Um aluno ele não é apenas conhecimento contido nos livros de história ou de matemática mas é também resultado das relações com os professores e colegas de sala de aula. A dificuldade de aprendizagem de um aluno nem sempre está na metodologia inadequada do professor mas pode estar com o fato que ele não se identifica com esse professor, ou o fato que esse aluno pode ser estigmatizado pelos colegas ou até mesmo por algum membro da equipe pedagógica da escola.

A construção do conhecimento não é apenas uma questão de planejamento interventivo mas também compreensão do quão amplo é a subjetividade humana e o quanto infinito essa subjetividade se expande quando vamos analisar as interações humanas dentro de um espaço social.

O self é construído por fins que ele não escolhe, mas que descobre em função da sua existência incorporada em contextos culturais compartilhados. Trata-se, portanto, de buscar desvendar os nexos existentes entre a experiência do reconhecimento (que inclui também o falso e a falta de reconhecimento) e a formação da identidade, apresentando duas formas interligadas do discurso do reconhecimento: a esfera íntima – em que a formação da identidade tem lugar num processo dialógico no que as relações com os “outros significantes” são essenciais ao autodescobrimento e à auto-afirmação individual – e a esfera pública – e a interpretação de que a identidade se constitui num diálogo aberto (Taylor- 1993)

O processo de construção de identidade é constituído por identificação e diferenciação, a partir do momento que eu identifico com algo, eu também me diferencio. Identidade e diferença é uma relação binomial, ou seja coexistem. E são o resultado de atos de criação linguística, ou seja são ativamente produzidas, sendo assim um produto do mundo cultural e social. Segundo Silva (2003 p.70), a identidade somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. Dizer, por sua vez, que a identidade e diferença são o resultado de atos de criação linguística significa dizer que elas são criadas por meio de atos de linguagem.

A construção dessa identidade é um processo de conflito qual nos são impostos significados, com isso se fomos analisar bem, um exemplo é a mídia que nos impõe um padrão de beleza, a exemplo das revistas que não representa a população negra em suas capas, a própria escola que muitas vezes dá mais destaque ao eurocentrismo do que o heroísmo negro durante a luta contra a escravidão no Brasil colônia.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. O

pode de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são nunca inocentes.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença representam de certa forma o incluir e o excluir, precisamos ter muito cuidado para quando nós tecermos a nossa identidade e diferença em relação a outros sujeitos sociais não estarmos iniciando um processo de rotulação e estigmatizando identidades. Essa distinção, afirma e reafirma as relações de poder envolvidas na identidade. A identidade e diferença (estigmas e rótulos), segundo Derrida (1921 p. 45) as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma posição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. Ou seja a minha identidade, o que eu sou, ou com o que eu me identifico eu interpreto como algo positivo e tudo aquilo que é diferente de mim, o que eu não sou, tendemos a interpretar como algo negativo.

Segundo Vieira (2009 p. 71) A diferença é construída no processo mesmo de sua manifestação, isto é, ela não é uma entidade ou expressão de um estoque cultural acumulado, é um fluxo de representações articuladas, nas entrelinhas das identidades externas, totalizantes e essencialistas – a nação, a classe operária, os negros, os migrantes etc. a identidade é uma articulação de diversos fatores, é oriunda de um processo histórico, econômico e político. É fruto sim de uma disputa de poder que interfere na subjetividade humana, como eu me vejo e como os livros de história ou as novelas da TV representam as pessoas da mesma etnia que eu irá interfeir na minha identidade e como eu irei ver as outras pessoas, sejam elas as pessoas da mesma etnia que a minha ou as de etnia diferente.

O fato que nos livros de história a representação do negro está limitada a violência da escravidão e nas novelas a mídia limita o negro aos papéis secundários, isso interfere também no modo como eu planejo meu futuro, como eu me sinto em relação a tudo isso. E ao abrir a revista eu me deparo como modelos altas e brancas e ao olhar para mim, me deparo com outro estereótipo e na escola não ocorre uma desconstrução dos padrões que a mídia nos impõem e que o mercado nos vende.

Diante disso a escola assume um papel de responsabilidade não so para que garanta que as culturas dos sujeitos sejam representadas mas também para garantir que esses sujeitos sociais não se envergonhem de sua tonalidade de pele ou textura de cabelo. Que esses sujeitos sociais valorizem a diferença fenótípica e a riqueza cultural e social envolvida em todo esse processo.

A identidade e diferença possuem uma relação binária e dicotômica, ou seja coexistem, a partir do momento que eu me identifico eu também me diferencio. Todavia para Derrida, toda relação binária um dos lados é mais forte do que o outro, ou seja nessa relação de poder, um dos lados influenciam mais na subjetividades dos sujeitos. Devemos ter muito cuidado nesse processo de identificação e diferenciação, para a partir disso não gerarmos estigmas excludentes e negativos. O ser humano tende a repelir aquilo que é diferente do que ele se identifica e nessa atitude criamos os processos discriminatórios, gerando assim os rótulos ou estigmas. Diante disso é preciso repensar a diferença e tratar isso não como algo negativo mas como algo positivo, que é na diferença cultural que eu amplio minhas relações sociais e conhecimentos.

Derrida (1972 apud Vieira p. 47) indica a existência de uma diferença que não é traduzível no processo de significação dos signos, nem organizável nas polaridades identitárias- eu/outro, nós/eles, sujeito/objeto, mulher/homem, preto/branco, significante/significado. Tais distinções e classificações binárias constituem o modo ocidental, logocêntrico, de aprender o mundo e a base das estruturas de dominação moderna. Criam, ainda, a ilusão de representações completas que não deixam resíduos. A incompletude das representações encontra-se, contudo, assente na própria linguagem, visto que significantes e significados nunca se correspondem inteiramente.

E por meio dos discursos estabelecemos as relações de poder e consequentemente a formação da identidade, pois a identidade é construída de uma verdadeira disputa de relações de poder, bem como os discursos que são constituídos de signos de poder. Em um discurso em sala de aula, ou de um livro percebemos as muitas relações de poder que disputam as identidades. Percebemos que em um panorama social existe uma disputa para manter o poder nas mãos de poucos e de uma elite que ainda mantém traços históricos de uma imagem eurocentrista, fundamentada em paradigmas excludente e neoliberais.

A *différance* se constitui no ato de sua manifestação, no âmbito da trama mesma de representações, diferenças e diferenciações. Também o sujeito se descentra. Ele se constitui nas cadeias moveis de significação, a rigor é parte delas: ele não é anterior à linguagem, nem constitui uma entidade e uma identidade independente, tampouco é aquele que, como se poderia pensar, age sobre a *différance*, buscando preencher as “sobras” de sentido que elas expressam, (re) constituindo as totalidades. Não se trata de sujeitos inseridos numa estrutura, mas de cadeias de significações nas quais os sujeitos e

estruturas tem o status similar de sinais flutuantes que ganham e perdem sua significação – sempre incompleta – no jogo semântico da diferenciação.

Segundo Vieira (2009 p. 50) o pós-estruturalismo tem uma importância fundamental na desconstrução de discursos que colocam em oposição um eu a um outro, um nós a um eles. Qual tanto se aplica para o discurso colonial- imperialista quanto para o nacionalista, e também para o discurso multiculturalista. Faz ressalvas que não podemos celebrar a identidade como algo homogêneo, “semelhança (sameness) irreduzível, posto que se estabelece aqui uma correspondência entre uma inserção sociocultural numa estrutura pré-discursiva e um lugar enunciatório determinado no jogo linguístico ou político”. Com isso, a diferença não deve ser reduzida, ou domesticada, homogeneizada, devemos sim valorizar as diferenças de cada etnia, de cada cultura, usar elementos da variedade sociocultural para dessa forma repensarmos a sociedade e consequentemente as relações de poder presentes nesse espaço.

Segundo Hall (2002 p. 35) tem-se três concepções de sujeito: o sujeito cartesiano ou do iluminismo, qual a construção de sua identidade está embasada em paradigmas racionalistas e neoliberalistas. O sujeito da sociologia, ou por assim dizer o sujeito imerso nas relações sociais que é protagonista também da sociedade qual vive, ou seja ele constrói saberes e não é passível no processo de ensino-aprendizagem. O sujeito da sociologia se constitui em suas relações com “outros com significação”, os quais transmitem ao sujeito valores, significados e símbolos – a cultura – dos mundos que ela/ ele habita. (...) O sujeito continua tendo uma essência interna nuclear, qual seja um “eu-verdadeiro, mas esse é formado e modificado em contínuo diálogo com mundos culturais externos e com as identidades que tais mundos oferecem (Hall, 1992 apud Vieira p. 50).

Ao longo da vida esse sujeito vai repensando sua atuação social e consequentemente reformulando sua identidade, se fomos aplicar isso no contexto educacional, uma criança possui uma ideia de mundo quando ela tem 7 anos de idade e quando ele tiver 16 anos de idade, quando ela estiver no auge de sua juventude, ela terá uma outra percepção sobre seus valores, seus desejos, seus sonhos, a sociedade qual ela vive e principalmente sua identidade também terá sido reformulada. Assim como o processo de aprendizagem que nunca terminará, o mesmo ocorre com a formação dessa identidade e do mesmo modo que dificuldades de aprendizagem afetam diretamente o desempenho escolar desse sujeito, a construção dessa identidade também interferirá nas múltiplas relações desse sujeito.

Identidade também é sobre como eu me sinto em relação a mim mesmo (a minha subjetividade, com desejos e anseios) e é também como eu me sinto no espaço social que estou presente, e tudo isso interferirá na subjetividade de outros sujeitos e em como eles também se sentem no espaço social.

Segundo Vieira (2009 p. 53) A ideia de uma identidade completa e única revela-se uma fantasia ante a multiplicação dos sistemas de representação a nos confrontar com uma fervilhante variedade de identidades possíveis. Nesse contexto, a sensação que temos uma identidade unificada que nos acompanha por toda a vida nos é provida por uma narrativa do self, por meio da qual se ressignifica o conjunto de nossas experiências a partir de um fio de coerência e continuidade. E as alterações desse self, com seus desejos e anseios, irá interferir em toda a construção desse sujeito nos mais amplos aspectos.

Hall desenvolveu uma concepção de um sujeito descentrado, ou seja um sujeito que não se limita apenas a um fator, um sujeito que é construído por diversos fatores sejam eles subjetivos ou sociais. Hall se embasou em uma das muitas teorias do filósofo pós-estruturalista Michael Foucault que mostra a subordinação dos sujeitos aos discursos. Hall (1997 apud Vieira) reconstrói a reflexão de Foucault, a partir dos trabalhos mais tardios do autor, de sorte a mostrar que esses indicam a produção dos sujeitos pelos discursos em dois sentidos diversos. O primeiro sentido está associado ao momento de construção e institucionalização, nas diferentes épocas do discurso disciplinador que, ao enquadrar, constitui os diferentes sujeitos. Ou seja, o discurso impõe ao sujeito uma ideia e também forja uma identidade. É válido ressaltar que os sujeitos sociais devem ser livres para construir sua identidade e seus saberes, e não serem coargidos a um conhecimento, a uma identidade e até a um sentimento.

Segundo Vieira (2009 p. 60) Os discursos produzem um “lugar para o sujeito”, na medida em que abrem espaço para um posicionamento de nossa parte. Ou seja, o discurso ganha sentido na medida em que nós nos posicionamos e, nessa forma, nos tornamos sujeitos, frente ao regime de verdade que uma determinada formação discursiva estabelece. Tal posicionamento não se confunde com a autonomia e intenção do sujeito; ainda assim, permite, conforme Hall, identificar um momento no processo de produção do Self, marcado pela autoconstituição, pela subjectification.

Para Hall devemos analisar a relação entre o sujeito e a formação discursiva e com isso perceberemos parte dos muitos fatores que levam os indivíduos a se identificar ou não com determinadas posições, “bem como as maneiras como esses indivíduos

marcam, estilizam, produzem e performam tais posições (...) encontrando-se em constante e agonístico processo de lutar contra, resistir, negociar e acomodar-se às ordens regulativas ou normativas com as quais eles estão confrontados e que os regula (Hall, 1996 p.48)

A disputa para que as identidades sejam reconhecidas e valorizadas no cenário de políticas públicas e declarações de Direitos Humanos, fez com surgisse algo chamado de política de identidade. De um lado está localizado os coletivos sociais que lutam pelo reconhecimento das muitas identidades e a formação da identidade dos sujeitos sociais com base em valores que respeitam as etnias e o gêneros, sem machismo, racismo ou homofobia. Que lutam para que a escola apenas não ensine a pensar mas que ensine a ser um cidadão mais humanista e que ame o ser humano com suas diferenças e múltiplas identidades. E de um outro lado temos grupos hegemônicos que tentam a todo o tempo homogeneizar a identidade e os saberes, que limitam os saberes a princípios neoliberais e reduzem seres humanos a meritocracias.

Para Vieira (2009 p. 49) Hall privilegia, o que chama de política de representações e que tem não no Estado, mas nos agentes sociais seu pilar básico. Trata-se fundamentalmente de ações voltadas para desestabilizar estereótipos, por meio da produção de deslocamentos em formas estabelecidas de decodificação de signos como negro, mulher, nação etc. A representação institucionalizada da diferença contida nas políticas multiculturalistas significa o aprisionamento e congelamento de algo – a diferença – que só pode ser móvel, flexível e variável. A atribuição pelo Estado, por exemplo, da identidade de negro ou membro de uma minoria étnica determinada implica, nessa visão, disciplinar a diversidade cultural e minar o processo de subjetivação. O sujeito só pode emergir na articulação fluida das diferenças.

Segundo Castell (1999 p. 40), a construção da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder por sua vez, apresenta considerações instigantes para se pensar a construção da identidade negra. Na perspectiva da multiplicidade, identifica três processos: identidade legitimadora, promovida por instituições sociais dominantes, reforçando uma atitude de submissão dos sujeitos; identidade de resistência, configurada em atores em condição social desfavorecida, que apresentam resistências ao projeto dominador, mas ainda não chegam a propor formas positivas de construção identitária; e a identidade de projeto, na qual os atores, com base nos materiais culturais

disponíveis, constroem novas identidades, redefinem seu local social e buscam mudanças na estrutura social.

3. EDUCAÇÃO PARA (DES) CONSTRUIR ESTIGMAS

Ao visualizarmos um sujeito fazemos uma análise e tecemos julgamentos sobre o que esse sujeito deve ser, os atributos que esse sujeito prova possuir, segundo Goffman (2002 p. 60) serão chamados de identidade social real. Ao analisarmos esse sujeito desconhecido para nós, se ele apresenta um estereótipo que gere alguma sensação ruim seja ela de medo ou desconfiança, deixaremos de considerar esse sujeito a uma criatura comum ou normal, reduzindo-o a uma pessoa inferior. Essa atitude é uma das muitas formas de se estigmatizar alguém. Essa diferenciação, esse julgamento entre nós e o outro se torna uma forma de estigmatizar e segregar. Algumas vezes esse estigma não trás sentimento de medo mas pode trazer sentimentos de desacredito, fraqueza, defeito ou desvantagem. Gerando assim o Bullying, ou seja as agressões físicas ou emocionais que ocorre justamente pela não aceitação da diferença presentes nos sujeitos sociais que integram esses espaços.

Segundo Goffman (2002 p. 34) o termo estigma será usado em referencia a um atributo negativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém confirma a normalidade de outro, ou seja, é quando eu julgo que o outro é inferior a mim que eu me considero normal. Não é a sociedade que impõe os padrões de normalidade mas são os sujeitos que modificam tais padrões de normalidade constantemente. O estigma é uma relação entre atributo e estereótipo.

Para Goffman (2002 p.35) existem três tipos de estigma nitidamente diferente. Há as anormalidades físicas (ou o que ele chama de “abominações do corpo”) – as tais deformidades físicas. Em segundo, existe “as culpas de caráter individual”, que são as fraquezas da subjetividade humana, a exemplo de paixões tirânicas, crenças falsas, desonestidades, distúrbio mental, vícios, desejos sexuais livres, tentativas de suicídio e “comportamento político radical”. E existem o que Goffman chama de os estigmas tribais de raça, nação e religiosidade que são transmitidos através da linguagem (os discursos com suas amplas relações de poder).

Esses exemplos de estigma possuem as mesmas características sociológicas: sujeitos que poderiam ter sido facilmente recebido nas relações cotidianas possuem características que podem afastar outros sujeitos, destruindo assim a atenção desses outros sujeitos para os seus “atributos”, por possuir um estigma ou alguma outra característica que foge dos padrões de normalidade sejam eles criados por nós em nossos julgamentos individuais ou pela sociedade. Os que se afastam de tais estigmas serão chamados por nossa sociedade de “normal”.

Atitudes que pessoas ditas “normais” tem com o sujeitos estigmatizadas e os atos que são empreendidos nessas relações são conhecidos a medida que a ação social tenta suavizar a negativa do estigma. Segundo Goffman, acreditamos que o estigma não seja completamente humano, diante disso, surgem diversas maneiras de discriminar esses sujeitos. Construímos teorias de estigma, uma ideologia, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade, baseada em outras diferenças, a exemplo da classe social. Por exemplo, utilizamos termos específicos do estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso como fonte de metáfora e representação sem pensar no seu significado original, ou seja atribuímos tais palavras de um discurso estigmatizando, opressor e discriminatório sem muitas vezes nem pensar a força que esses discurso tem, ou analisarmos historicamente como esse discurso foi produzido.

Quando em nosso discurso vem agregado de palavras racistas muitas vezes não paramos e analisamos os fatores históricos, políticos e econômicos que tais palavras mesmos estigmatizantes possuem. Chamar um negro de macaco não é apenas um ato de segregar ou ironizar com intuito de inferiorizar um outro sujeito, mas é a reprodução política e histórica de uma opressão do homem sobre o próprio homem.

Muitos sujeitos se deparam com discursos estigmatizantes diariamente e mesmo assim não se importam ou então de algum modo não valoriza sua particularidade de sua identidade, um exemplo é o embaquecimento da população negra, pessoas que atualmente fazem uso de medicação ou cremes clareadores de pele de modo que mude a tonalidade de sua pele ou ate mesmo a textura da mesma.

Diante desse fato, muitos sujeitos consideram essa uma atitude normal e correta, o fato de se negar, de se excluir para ser melhor aceito na sociedade, pois para esses sujeitos é mais fácil mudar a melanina de seu corpo do que mudar o espaço social que habitam. Para Castell (1999 p. 42) uma das identidades, é a identidade fundamentada em

projetos sociais, que é quando o sujeito se apropria nos processos discriminatórios para mudar o espaço qual vive, ou seja, se apropria de algum elemento de sua identidade para mudar a sociedade. A exemplo de se apropriar da cultura para se empoderar, um exemplo são jovens moradores de comunidades localizadas na periferia, que se apropriaram da música e cultura local para mudar sua vida, e conseqüentemente emponderar sua identidade como um modo de desconstruir estigmas. A exemplo, dos jovens que utilizam das dificuldades das periferias qual residem, com isso veem a produzir músicas no estilo de Rap, se apropriando da cultura local e mostrando que esses espaços físicos que são extremamente estigmatizados pela questão da violência, também produz saberes e cultura.

Todavia nem sempre isso acontece quando falamos em identidade étnica, pois muitos tentam se desvencilhar dela ou simplesmente não assumem tal identidade cultural própria de sua etnia. De fato é importante analisarmos por que isso acontece, que estigmatizações esses sujeitos estão expostos ao ponto de fazer com que eles se livrem de tais identidades e reformulem-as de acordo com os padrões produzidos pelas relações de poder.

Para Goffman (2002 p. 38), nem todo individuo considera um estigma negativo e talvez seja por isso que muitos não valorizem a identidade étnica quais lhes pertencem:

Parece também possível que um individuo não consiga viver de acordo com o que foi efetivamente exigido dele e, ainda assim, permanecer relativamente indiferente ao seu fracasso; isolado por sua alienação, protegido por crenças de identidade próprias, ele sente que é um ser humano completamente normal e que nós é que não somos suficientemente humanos. Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido por fazê-lo. Essa possibilidade é celebrada em lendas exemplares sobre as minorias, os ciganos, os canalhas impunes e os judeus muito ortodoxos.

Essa exigência pela normalidade, busca incansável e alienante para se encaixar nos padrões normativos, reforça as auto-exigencias do ego dos sujeitos, principalmente o auto-ódio e auto-depreciação, ou seja o sujeito começa a desgostar de si mesmo por ser diferente, tentando muitas vezes se esconder ou se livrar dessas diferenças e cada vez mais se encaixar nos tais padrões que a sociedade exige. A exemplo, quando uma empresa exige que todos os seus funcionários se vistam e tenham o cabelo de determinada maneira,

aquele que o cabelo não se encaixa nos padrões exigidos pela empresa tentará de todo o modo se encaixar em tal padrão.

Um exemplo de signo para se analisar o racismo, é a relação da mulher negra com o cabelo, a exemplo das empresas que exigem o alisamento do cabelo de suas funcionárias bem como a publicidade de produtos alisantes, sejam nos anúncios de revistas que a cada vez mais impõe um embraquecimento da população e também o fato que a cada dia crianças também fazem uso de alisantes.

É válido ressaltar que a discriminação do cabelo crespo também se faz presente em contexto educacional, pois até mesmo as escolas exigem uma padronização que vai desde o calçado que o estudante usa até mesmo o modo como ele cuida dos cabelos, interferindo assim na identidade étnica desses sujeitos. A escola como uma entidade legitimadora que é, deve ter muito cuidado para não estar incentivando a desconstrução de uma identidade étnica, pois quando a escola trabalha na perspectiva de valorizar aspectos culturais da mesma maneira que ela valoriza os conteúdos que são contidos nas provas vestibulares, ela irá contribuir na formação de um sujeito social que lide bem com suas diferenças culturais e até mesmo estéticas.

E nesse processo de negação de identidade o sujeito social tenta corrigir diretamente o que ele considera a base objetiva de seu “defeito”, que vai desde plásticas, alisamentos capilares, ingestão de medicamentos para embraquecimento de pele e etc. Também é válido ressaltar que existem também os sujeitos sociais que se apropriam de seus rótulos ou estigmas para conseguirem favorecimentos ou ganhos secundários, como desculpa pelo fracasso que chegou por outras razões.

O sujeito social não deve utilizar desses rótulos para se vitimar mas ele deve usar esse rótulo para ele reformular essa sociedade doente qual vivemos, essa sociedade que fala de cura onde todos estão doentes seja pela indiferença ou egoísmos inflamados pela soberba, o sujeito deve se apropriar sim de sua diferença para desconstruir os estigmas negativos e assim reformular as relações de poder, descentralizando-o, desconstruindo essa homogeneidade e tornando o poder multicultural e genuinamente popular.

O estigma pode gerar comportamentos agressivos, é provado estatisticamente que morrem mais jovens negros do que jovens brancos e nas revistas policiais os procedimentos padrões se tornam mais violentos quando se é um jovem negro e da periferia, aumentando assim também o índice de mortalidade da juventude negra. Diante

disso, muitas pessoas tem mais medo de assalto quando veem um jovem negro na rua do que quando veem um jovem branco, é preciso desconstruir isso, pois a violência não se restringe a classe social ou tonalidade de pele, suas vítimas são de todas as etnias e classes.

Diante dessa realidade, Goffman (2002 p. 42) diz que o indivíduo estigmatizado terá motivos especiais para sentir que as situações sociais mistas provam uma interação angustiada, muitas vezes o sujeito estigmatizado possuem comportamentos de agressividade ou de timidez e que esses comportamentos são reforçados quando as pessoas ditas “normais” olham com ar depreciativo.

E muitas vezes agimos como se esse sujeito fosse uma não-pessoa, muitas vezes nem percebemos, um exemplo são as pessoas que exercem a função de limpadores de ruas que muitas vezes são tratados como invisíveis, e assim se repete na escola, muitos alunos são invisíveis ao olhar do professor seja por possuir uma dificuldade de aprendizagem ou por ser diferente dos padrões que muitas vezes são exigidos indiretamente nas escolas, como a questão socioeconômica, dificuldades no processo de ensino-aprendizagem ou ate mesmo no comportamento, pois para muitos é mais fácil excluir ou não perceber, do que valorizar as particularidades de cada sujeito, ate porque para valorizar tais sujeitos exige também sensibilidade dessa escola que muitas vezes acha mais cômodo falar de sucesso profissional do que ensinar o humanismo e o amor.

Quando um sujeito que é estigmatizado alcança algum “sucesso” ou fator positivo ele prontamente vira porta-voz, dessa forma ocorre uma exploração da situação de opressão ou de estigma qual esse sujeito vivenciou ou vivencia. Conforme Goffman (2002 p. 39) uma pessoa com um estigma particular alcança uma alta posição financeira, politica ou ocupacional – dependendo da sua importância do grupo estigmatizado em questão – é possível que a ela seja confiada uma nova carreira: a de representar a sua categoria.

Para construir uma identificação pessoal de um indivíduo utilizamos aspectos de sua identidade social, diante disso, o estigma e todo os esforço que o indivíduo faz para escondê-lo ou para se desvencilhar da identidade que trás características que são geradoras de estigmas se fixam como parte da identidade pessoal. Para Goffman, o sujeito desenvolve um crescente desejo de um comportamento inadequado quando se usa uma máscara e essa manipulação da identidade variará conforme o conhecimento que a sociedade tem desse sujeito, gerando assim um encobrimento da imagem.

Quando uma pessoa, efetiva ou intencionalmente, consegue realizar o encobrimento da imagem, é possível que haja um descrédito em virtude do que se torna aparente sobre ele, aparente mesmo para os que só o identificam socialmente com base no que está acessível a qualquer estranho naquela situação social. Esse tipo de ameaça à identidade social não é, com certeza, o único tipo, uma das contingências básicas do encobrimento é de que ele será descoberto por todos os que podem identifica-lo pessoalmente e que incluem entre seus antecedentes biográficos fatos não manifestos e que são compatíveis com suas pretensões atuais. É então, incidentalmente, que a identificação pessoal relaciona-se estritamente com a identidade social. (Goffman, 2002)

A sociedade diz que o estigmatizado pertence a um grupo mais amplo, ou seja que é um ser ‘normal’, mas também é ‘diferente’ (nesse ponto encaixamos outros rótulos a exemplo do normal ou patológico, normal ou desviante) e Goffman trás que dentro desse discurso produzido pela sociedade “seria ilógico negar essa diferença”, mas a negamos pois quando negamos identidades ou quando as impôs não apenas negamos as diferenças mas desconstruímos toda a valorização que esse sujeito social tem direito. Segundo Goffman (2002 p. 43) a diferença, em si, deriva da sociedade, porque, em geral, antes que uma diferença seja importante ela deve ser coletivamente conceptualizada pela sociedade como um todo.

E a sociedade disputa esse sociedade, ela se esforça para reformular esses sujeitos seja por meio da biopolítica (leis e políticas públicas), pela instituições de sequestro (que para Foucault, são as escolas, hospitais, hospícios, presídios e todo aquele espaço que propõe a reformulação do sujeito seja pela cura, conhecimento, disciplina ou ‘salvação’) ou por meio dos discursos que se faz presentes nos mais variados espaços, qual também estão presentes nos signos. A escola não só introjeta regras para o padrão social, se não tivermos cuidado ela também padroniza as identidades, os sujeitos e os saberes.

O individuo estigmatizado, assim, se vê numa arena de argumentos e discussões detalhados referentes ao que ela deveria pensar de si mesma, ou seja, à identidade de seu eu. A seus outros problemas, ela deve acrescentar o de ser simultaneamente empurrada em varias direções por profissionais que lhe dizem o que deveria fazer e pensar sobre o que ela é e não é, e tudo isso pretensamente, em seu próprio benefício. Escrever ou fazer discursos defendendo qualquer uma dessas saídas é, em si, uma solução interessante mas que infelizmente, é negada a maior parte dos que simplesmente leem e escutam.(Goffman, 2002)

A manipulação do estigma e padronização da identidade é uma característica geral da sociedade, um processo presente nas relações de poder, nos discursos e em outros fatores interligados quando pensamos na palavra identidade, muitas vezes o papel do estigma e da normatização de confundem, pertencendo ao mesmo tecido ou ao mesmo cenário. O sujeito dito ‘normal’ estigmatiza o diferente e o sujeito tachado como diferente reforça o padrão de normalização do sujeito dito ‘normal’, sem questionar os padrões ou os estigmas, ou sem ao menos desconstruir tanto a normatização quanto a estigmatização. É preciso que a escola perceba que a partir do momento que ela normatiza sujeitos ela também estigmatiza e é fundamental que ela prepare os sujeitos para que tenha a sensibilidade para serem protagonistas da bela construção subjetiva e complexa que a identidade e assim que ele também seja protagonista da reformulação da sociedade na desconstrução de estigma e na construção de saberes reflexivos, revendo paradigmas científicos e trazendo como uma das muitas estratégias um novo paradigma fundamentado no humanismo, criatividade, sensibilidade poética e cidadania política.

4. DISCURSO INSTRUMENTO PARA APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

O discurso é transcendente, presente em todos os ambientes e por meio de várias formas. Ele depende da língua (comunicação) para a sua materialização porém não se limita a ela, podendo ser expresso sobre texto, imagens ou determinações históricas. O discurso também integra as subjetividades dos sujeitos, quais são constituídos historicamente pelos discursos dele e de outros, marcado pela constância do movimento, pois do mesmo modo que o sujeito está em constante construção, o seu discurso também.

Na escola temos inúmeros discursos, sejam dos professores, os alunos e até mesmo do material didático que se utiliza nesse espaço educacional. O livro é construído por múltiplos discursos, qual não se limita apenas a noção do autor, mas na formação discursiva as implicações e que este elemento irá trazer na construção da subjetividade e da identidade desse sujeito, bem como tudo isso interferirá no aspecto histórico social.

Foucault trabalha com o discurso e o analisa por meio da unidade discursiva, qual apresenta três hipóteses, a primeira refere-se a enunciados diferentes quanto à sua forma que compõem um conjunto de referência e um mesmo objeto discursivo. Essa hipótese coloca em questão a unidade de um discurso ocasionada pela continuidade e transformação de diversos objetos (FOUCAULT, 1995 apud Fernandes in Discurso e

sujeito em Michael Foucault p. 75). A segunda é a possibilidade da definição das relações entre enunciados e discursos, refere-se a um conjunto de enunciados descritivos de um objeto, porém as descrições não cessam de deslocar. A terceira hipótese que Foucault aponta partiria de sistemas de conceitos para se proceder a um agrupamento de enunciados, que se esbarra no limite a partir que novos enunciados surgem, analisando assim o surgimento e dispersão desses enunciados, bem como eles se tornam em muitas vezes opostos. A exemplo de como os discursos mudam conforme o contexto.

Diante disso, o discursos presente nos livros, a primeira hipótese consiste um conjunto de discursos diferentes que compõem a mesma referência, ou seja por mais que no livro tenha diversos textos diferentes entre si no capítulo eles tem um ponto em comum, ou seja, acaba tendo o mesmo enunciado ou dizendo a mesma coisa.

Em relação a segunda hipótese trás que os enunciados e discursos tem uma relação entre si, porém estão em constante movimento, podendo ser alterados. Um exemplo são os capítulos dos livros sobre determinado governo de um país, posteriormente esse capítulo pode ser alterado conforme as mudanças políticas desse país bem como as novas descobertas históricas, a exemplo dos capítulos sobre a ditadura militar contido nos livros de história que a cada ano que se passa o comitê de verdade e justiça descobre novas vítimas da ditadura militar, bem como novos arquivos são reabertos diante disso reformulando algumas verdades que já foram escritas em tais livros.

E na terceira hipótese trás sobre o surgimento e desaparecimento de alguns discursos, um exemplo são os livros das décadas de 60 que ensinavam como as meninas deveriam ser boas mães e donas de casa, enquanto hoje esse tipo de conteúdo não se faz mais presente nos livros didáticos. Se fomos analisar em relação a identidade cultural, percebemos como o negro está sendo retratado de modo diferente nos livros didáticos. Atualmente após a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, a identidade negra tem sido valorizada nos livros. Zumbi deixou de ser apenas mais um personagem do Brasil Colônia e se tornou exemplo de heroísmo histórico e também didático.

Os discursos são compostos também por formações ideológicas. A formação discursiva, também é uma formação social, Segundo Fernandes (2012 p. 73) retoma-se uma heterogeneidade própria à coexistência e miscigenação de todas as diferentes forças sociais. É preciso compreendermos que o discurso não é só um elemento linguístico mas ele é um forte instrumento de atuação social, por meio do discurso o educador transmite conhecimentos e é necessário olhar para esse discurso de forma holística para desse modo

podermos entender que conhecimentos são esses tão importantes para a vida de cada sujeito e como irá interferir na formação de sua identidade.

A escola não trás apenas uma formação educacional mas também uma formação discursiva, uma formação que vai além de conteúdo mas uma formação que está impregnada de questões políticas e ideológicas. Para Foucault a escola é um espaço de formação discursiva devido a variação de enunciados, conceitos, escolhas temáticas e também dispersão de alguns discursos.

No caso em que puder descrever, entre um certo numero de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 1995)

Segundo Pêcheux, os aspectos ideológicos e políticos, no discurso, são sematicamente relevantes, pois refletem, na interrelação entre os sujeitos, o lugar histórico-social de onde o discurso é produzido (Fernandes, 2012 p. 76). O discurso, como um instrumento político apresenta posições ideológicas na construção de espaços sociais. E desses espaços se constroem as relações de poder surgindo assim também as novas (des)construções de representações de poder. Com isso ocorre uma alteração nos discursos e nas vozes que emitem esses discursos, principalmente nas vozes que ocupam o poder. Diante disso, é preciso melhor capacitar os sujeitos sociais para que eles cheguem ao poder, para que as ditas minorias sociais tenham acesso aos instrumentos que os levam ao poder (oportunidades educacionais) e com isso ocorrer uma reformulação, um representação autêntica do povo.

Segundo Fernandes (2012 p. 78) As relações de poder são preenchidas politicamente por ideologia e, em conformidade com as mudanças que sofrem, diferentes vozes ideológicas enunciam construindo diferentes rumos na História. As alterações políticas e ideológicas nos discursos decorrem da mudança do sujeito em cena, ou da transformação dos sujeitos na linha do tempo, o que implica mudanças no espaço social. Qual nos faz pensar e questionar as ideologias presentes na escola, são ideologias que realmente representam os sujeitos sociais? Será que a escola realmente é um espaço social que representa o negro, o índio, o cigano, o quilombola?

Nem tudo é dito na escola, o saber não é transmitido por completo pois o conhecimento acaba se limitando nas ideologias impostas pelas relações de poder. Diante disso a educação deve incentivar a curiosidade dos sujeitos sociais, para que tais sujeitos sintam-se livres para questionarem e assim ampliarem os saberes e assim construam os próprios saberes que vão além dos paradigmas científicos.

As formações ideológicas comportam “uma ou varias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada a conjuntura” (PÊCHEUX, FUCHS, 1990, P. 60). As ideologias se expressam em atitude, comportamentos e linguagem - constituem discursos que irão integrar os espaços sociais, a exemplo da própria escola e os saberes compartilhados nesse espaço.

O estudante tem que se sentir livre para questionar e assim para melhor aprender, pois quando ele construir o próprio saber, quando ele finalmente for protagonista no processo de ensino- aprendizagem ele está desconstruindo as ideologias opressoras e sendo ativo o suficiente para construir uma ideologia de representatividade, uma ideologia composta por saberes que representam o povo, pois ela foi fruto de inquietações e de saberes dos diversos sujeitos sociais.

O que vemos na escola é, livros com saberes prontos, onde os professores dão conteúdos fragmentados para os estudantes e que eles aprendem tais conteúdos sem compreender a real importância de tudo isso para as suas vidas e sem muitas vezes perceberem como tais conteúdos modificam suas subjetividades e identidades. É preciso que os sujeitos sociais tenham a consciência desse processo, ou seja, que eles entendam o porquê de tais conteúdos estarem presentes no espaço educacional e a partir das informações que os professores lhes passam, eles construam o próprio saber e compreendam a importância desse processo para a sua formação identitária e de cidadania para serem sujeitos sociais ativos e questionadores do poder.

Foucault enfoca posição do sujeito da, ou na, formação discursiva, trazendo assim o protagonismo para o sujeito em relação ao discurso pois devemos sempre lembrar que o discurso é um produto do sujeito e de sua subjetividade. Para Foucault “uma análise histórica, mas se afasta de toda interpretação, pois não vive a procura do que as coisas ditas escondem, ele procura, como se viu, a modalidade de existência das coisas ditas”. Essa análise histórica dita por Foucault denomina de método arqueológico, qual se constitui pelo agrupamento de enunciados que constituirá unidades históricas. Sendo

assim um método que permitem descrevê-los. O enunciado torna-se também uma fonte de descrição histórica.

4.1 PRIORI HISTORICA EM SALA DE AULA

Segundo Fernandes (2012 p. 80) a priori histórica é o conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva, compreendida como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições do exercício da função enunciativa”. O discurso é, um elemento da priori histórica. Esta priori (elemento de discurso), longe de ser uma instância imóvel que tiranizaria o pensamento humano, é passível de mudança, e nós mesmos terminamos por muda-lo, todavia é um processo inconsciente.

O discurso não é um elemento fechado e inquestionável, ele é um elemento mutável e adaptável, podendo mudar conforme o contexto e situações. Diante de tamanha flexibilidade do discurso, é preciso aproveitar dessa particularidade para que os sujeitos sociais possam ser ativos e suficientes ao serem protagonistas na mudança dos discursos presente nos espaços sociais, que a diversidade cultural de um estudante seja protagonista para gerar mudança no discurso do professor e até mesmo nas políticas públicas e diretrizes educacionais.

Pêcheux em seus últimos trabalhos, trás que o sujeito não é homogêneo e sua identidade está em constante processo transformação, marcada por heterogeneidade e conflitos sociais. Para Fernandes (2012 p. 80) a identidade constitui-se pela inscrição dos sujeitos na exterioridade social, é constituída pela relação do um com o outro. Na linha de pensar foucaultiano, à noção de sujeito (sujeito da identidade) está relacionada com a descontinuidade histórica, ou seja que a história está em processo de construção bem como também os sujeitos e as identidades, esse processo finda e é contínuo. Os sujeitos são constituídos por determinações sociohistóricas e formados por discursos de outrem, com os quais se unem, se diferenciam ou se distanciam.

A escola é constituída por disciplinas quais impõem aos sujeitos procedimentos para a produção e circulação dos discursos. Com isso ocorre um controle dos discursos e dos saberes, por meio da interdição são estabelecidos os direitos e as proibições em relação ao ato de falar e também ao que pode ser falado. Para Fernandes (2012 p. 82) ninguém

tem o direito de falar tudo em qualquer circunstância e nem falar sobre qualquer coisa. Em uma sala de aula, por exemplo, cabe ao professor anunciar o início e o término da aula, determinar o momento reservado a fala dos alunos e etc.

O discurso define assim, o limite do dizer e o direito de falar que acaba sendo privilegiado ou exclusivo de algum (ns) sujeito (s) em detrimento de outro (s). Essa exclusão mostra que o discurso está diretamente ligado com o desejo e com o poder. É que do mesmo modo que nem todos os sujeitos estão totalmente livres para a produção de certos discursos ou dizeres, o poder não está acessível para esses sujeitos detentores de tais discursos.

Nem sempre vemos discursos sobre equidade social serem produzidos por sujeitos que estão em altos cargos de representatividade política ou de poder. Pois o poder censura tais discursos e para esse sujeito está em determinada posição, ele é censurado de produzir certos dizeres, a exemplo dos discursos presidenciais que acabam seguindo ao agrado dos eleitores. O mesmo ocorre com a escola, que muitas vezes o professor não tem autonomia em suas aulas pois segue determinações da equipe gestora da escola. É preciso repensar não só o discurso contido no material didático, ou o discurso produzido pelos professores em sala de aula mas também repensar a autonomia desses professores, as relações de poder impostas pela equipe gestora e as diretrizes curriculares e políticas públicas para que empondere e represente os sujeitos sociais.

Foucault trás que sistema educacional é um espaço no qual os sujeitos tem acesso a muitos discursos e os procedimentos de controle do discurso estão interligados. A escola, para Foucault, é um lugar que reúne muitas imposições de regras aos sujeitos do discurso. Qual se ritualizam a palavra, determinando e fixando os papéis dos sujeitos que falam, promovendo assim a difusão de doutrinas, ou seja como se o discurso do professor fosse a verdade absoluta e que quando o aluno questiona esse discurso, esse saber, esse aluno corre o risco de ser penalizado ao ser tachado de “indisciplinado”. Ocorre na escola uma apropriação de discursos, saberes e até sujeitos. Quando se controla os saberes, se controlam também as subjetividades e o corpo desses sujeitos. É preciso que esses sujeitos sejam livres para criarem seus saberes, deixando assim fluir sua subjetividade e corpo.

O poder disciplinar, “cujo efeito não é em absoluto consagrar o poder de alguém, concentrar o poder num indivíduo visível e nomeado, mas produzir efeito apenas em seu alvo, no corpo e na pessoa do rei descorado, que deve ser ‘docil’ e ‘submisso’ por esse poder (FOUCAULT, 2006, P.28). Nele se funciona em rede e recai sobre a subjetividade

dos sujeitos, promovendo a falsa docilidade que é oriunda de uma submissão disciplinar. A escola, o exercito, a prisão, as fabricas colocam em pratica esse poder disciplinar, qual é um controle da ocupação do tempo, do corpo, da vida enfim dos sujeitos.

Segundo Foucault (1975 apud Fernandes 2012 p. 81) tras que esse poder disciplinar no que tem de especifico, tem uma historia, que esse poder não nasceu de repente, que também não existiu sempre, que se formou e seguiu uma trajetória de certo modo diagonal, através da sociedade ocidental, e recorrer a estrutura, inicialmente arquitetônica, do Panopticon, modelo de prisão construído por Benthán em 1791, como a expressão politica e a técnica mais geral de poder disciplinar.

O Panopticon de Bentham não é um modelo de prisão[...] é um modelo para uma prisão, mas também para um hospital, uma escola, uma oficina, uma instituição de órfãos, etc. [...] é um mecanismo, um esquema que dá força a toda a instituição, uma espécie de mecanismo pelo qual o poder atua ou deve atuar numa instituição vai poder adquirir o máximo de força [...] uma espécie de construção cilíndrica com vários andares, no topo da qual vocês tem uma espécie de cúpula, isto é, um grande salão vazio, construído de tal forma que esse ponto central pode-se ver, bastando girar nos calcanhares, tudo que acontece em cada uma das celas. É esse o esquema (FOUCAULT, 2006)

Segundo Fernandes (2012 p. 82) o poder disciplinar visa a conduzir a conduta dos sujeitos, intervém, ou procura intervir, em todas as ações do sujeito, seu alvo, não deixando escapar em um gesto, nem um instante, antes mesmo que a ação se realize, ou seja, no momento em que a virtualidade está se concretizando, tornando-se realidade. Por isso, esse tipo de poder se caracteriza por elementos regidos e ou determinados por certa jurisprudência: a vigilância, a recompensa (como a premiação ao melhor aluno na escola, por exemplo) as punições.

No poder disciplinar [...] a função sujeito vem se ajustar exatamente à singularidade somática: o corpo, seus gestos, seus lugar, suas mudanças, sua força, seu tempo de vida, seus discursos, é tudo isso que vem se aplicar e se exercer a função- sujeito do poder disciplinar. A disciplina é essa técnica de poder pelo qual a função-sujeito vem se superpor e se ajustar à singularidade somática (FOUCAULT, 2006, P 69) O Poder disciplinar volta-se para a produção de corpos dóceis, para a vinculação da função sujeito ao corpo, visa a produzir individualidades no sentido de fazer do sujeito apenas um corpo sujeito, o que se configura como fabricação do individuo.

A escola deixa de formar cidadão para produzir mentes sujeitas, mentes que pensam o que os que estão no poder querem que sejam. Diante disso, temos cidadãos que não tem como o hábito de questionar, leem e simplesmente não questionam a qualidade da informação ou a verdade que essas informações trazem. Quando pensamos em uma educação para a cidadania, é uma educação que desconstrua as verdades impostas por certas ideologias, uma educação que engaje o sujeito social para ele ser ativo e construir uma melhoria de vida para si e principalmente para o todo, para a sociedade qual ele está inserido.

Dispositivos de disciplina, finalmente, são definidos como “uma mesma regra que se impõe a todos da mesma maneira, sem que haja entre eles aquele a que elas se aplica a outras diferenças de estatuto, além das quais são indicadas pela hierarquia interna do dispositivo” (FOUCAULT, 2006). Segundo Fernandes (2012 p.83) Esse funcionamento pode ser observado também na escola, nesse espaço os dispositivos disciplinares se evidenciam pelas divisões dos estudantes em idades, as quais são correlacionados os exercícios de conteúdo programático, a organização em filas, distribuição das atividades em horários e etc.

4.2 A PSICOPEDAGOGIA NA REFORMULAÇÃO DOS SABERES E DISCURSOS

O psicopedagogo não irá atuar apenas nos processos de ensino-aprendizagem, mas também em todos os fatores que de algum modo interferem na consolidação de saberes. No cenário educacional muitos fatores interferem na formação dos sujeitos sociais ali presentes, desde o currículo em si ate mesmo o próprio discursos dos professores.

Diante dessa realidade é preciso que o psicopedagogo compreenda sua atuação dentro de um cenário que é influenciado o tempo todo por fatores políticos, pois a construção de um currículo também é uma disputa politica. O currículo é um dos importantes fatores que compõem a maquinaria escolar, uma das ferramentas importantes para exercer poder. Primeiramente porque o currículo determina o que uma população inteira irá aprender, para isso nasce a disputa do que será ensinado, nascem também as lutas sociais onde os sujeitos sociais exigem que reparos históricos sejam feitos por meio do currículo. Um exemplo é a lei 10.639/03 (lei que garante o ensino na cultura afro e afro-brasileira na educação / em livros de história) que garante o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, como uma forma de reparar as tantas equidades existentes na

sociedade, desde o período da escravidão no Brasil até mesmo os dias atuais, com a presença do racismo e a persistência das desigualdades sociais. Além dos problemas sociais como: AIDS, trânsito, direitos humanos, questões ecológicas e etc.

A inclusão e exclusão curricular também é um reflexo da inclusão ou exclusão curricular, pois quando seleciona que certos conteúdos é relevante para o ensinar nas escolas mostra que certas problemáticas estão à margem do descaso na nossa sociedade. Durante anos os livros de História não representaram fielmente certas etnias. Poucos livros de História falam dos povos de etnia cigana, sabe-se que eles são nômades, muitos morreram na inquisição e no holocaustos mas informações sobre sua religiosidade e tradicionalidade são omitidas nos livros de História, isso também se repete com os negros, os índios e etc.

Diante disso, muitos representantes dos sujeitos sociais lutam por repensar esse currículo, de modo que promova conhecimentos para toda a sociedade para valorizar outras etnias, respeito ao multiculturalismo e uma forma para se efetivar o interculturalismo na educação, e garantir que certos aspectos culturais não se percam aos longos dos anos. O currículo também delimita como esse alunado irá aprender, se será apenas com aulas formais, aquelas em sala de aula e com os alunos sentados em cadeiras enfileiradas ou se o aluno irá estudar certos conteúdos com atividades práticas.

O contexto histórico naturalmente reflete os padrões anteriores de conflito e poder. Não basta desenvolver um conceito estático dos contextos históricos e das repressões herdadas *in toto* do passado. Esses contextos e repressões precisam ser examinadas em relação à ação atual. Precisamos de um modelo dinâmico de como se inter-relacionam compêndios, pedagogia, finanças, recursos, seleção, economia e tudo mais. Em síntese não podemos visualizar o currículo (nem os contextos e repressões históricas com ele relacionados) como se fosse um sistema fechado. (Goodson, p. 75. 2012)

As práticas em sala de aula deve levar em consideração a realidade do alunado, se o currículo diz que deve ensinar sobre quantidades numéricas, que ensine, mas utilizando elementos do cotidiano desse alunado. Que quando o professor for ensinar o reino plantae ele não se prenda apenas aos livros, mas proporcione ao seu alunado o contato com uma planta seja visitando o jardim da escola, estimulando a criação de uma horta ou ensinando o aluno a realizar uma pesquisa de campo para que ele realize a atividade de observar as variações de plantas que ele (o aluno) encontra no trajeto da escola para a casa.

O psicopedagogo poderá atuar para que esse currículo seja adaptado para as particularidades dos sujeitos sociais e suas competências, de modo que valorize esses

sujeitos e amplie as habilidades dos mesmos. O psicopedagogo como um profissional da educação tem que compreender que sua atuação é de extrema importância social, diante disso a profissão tem alcançado avanços, a exemplo da regularização da profissão que se deu por meio de uma aprovação no senado por meio da Comissão de Assuntos Sociais (CAS) qual colocou em vigor a PLC 31/ 2010 que diz que o profissional da Psicopedagogia pode ser um graduado em Psicopedagogia ou graduado em Psicologia, Pedagogia mas que possua especialização com 600 horas em Psicopedagogia. Diante disso, amplia os campos de atuação da Psicopedagogia bem como reafirma a atuação desse profissional na escola, que é um palco de muitos desafios.

E quando analisamos qual a contribuição que o Psicopedagogo pode trazer em questões tão subjetivas como a formação da identidade dos sujeitos sociais e os discursos como um instrumento da formação da identidade. É válido ressaltar que a Psicopedagogia é uma ciência charneira, ou seja um campo do conhecimento que recebeu influências da filosofia, psicologia e também da psicanálise. Quando pensamos em Psicopedagogia como um campo do conhecimento amplo, é válido ressaltar que a subjetividade também interfere no processo de aprendizagem, principalmente na relação de transferência entre o professor e o estudante. Se por algum motivo essa relação é conflituosa, teremos um impacto nos processos de aprendizagem, na interação social desse aluno e também na formação da identidade do mesmo, porque o discurso desse professor é forte o suficiente para trazer elementos que moldem a identidade e formação desse sujeito social.

Diante dessa realidade a presença do psicopedagogo na escola não irá se limitar as demandas das dificuldades de aprendizagem mas também irá atuar de modo preventivo, auxiliando e orientando esse professor, para que as relações interpessoais sejam mais humanizados, os discursos sejam de modo que abranja toda uma diversidade sociocultural, respeitando os direitos humanos desses sujeitos sociais e contribuindo para uma formação não só de saberes conteudistas mas de saberes que formem mais que cidadãos, mais pessoas.

O psicopedagogo também poderá contribuir na construção de materiais que trabalhem as competências desses sujeitos sociais, trabalhando os conteúdos próprios do currículo, estimulando as habilidades cognitivas e trazendo um discurso que não seja opressor ou homogêneo. Então, podemos pensar em textos que trabalhem a diversidade cultural, de modo que valorize, que traga o protagonismo para personagens da História Brasileira como Zumbi e Anastácia, textos que valorizem a beleza negra, elementos que

trabalhem a cultura das regiões e as particularidades da religiosidade de matriz afro porque religião também é uma questão de cidadania, ensinar a diversidade cultural e o respeito a diversidade religiosa, abarcar a diversidade culinária própria das culturas desses sujeitos sociais e desconstruir a padronização cultural que a sociedade moderna nos impõe.

Os sujeitos sociais não devem se inspirar apenas em culturas de países desenvolvidos, mas se inspirar e se orgulhar de sua própria cultura, valorizar sua história e construir sua identidade com base nos elementos dessa cultura, aceitando as suas particularidades e valorizando as diferenças de cada sujeito, de modo que se desconstrua os rótulos e estigmas. Para tanto a atuação do Psicopedagogo irá se abranger de modo que se desconstrua esses estigmas que além de ser uma barreira social também é uma barreira para a consolidação de saberes, pois é preciso se sentir bem na escola e se a escola não inclui, se eu não me sinto pertencente a essa escola, poderá ocorrer a problemática da evasão escolar.

5. METODOLOGIA

A pesquisa teve caráter exploratório tendo em vista a escassez de estudos sobre identidade cultural e sua influência no processo de ensino- aprendizagem, para tanto utilizaremos como método a observação participante (por meio de vivências e aplicação de entrevista estruturada e semiestruturada) e não participante (observação de campo).

Utilizamos roteiro para observação que tem como principal objetivo analisar as aulas de uma turma da educação infantil de modo que possamos identificar discursos referente a etnia negra, se há ou não uma valorização da mesma. E analisamos as políticas públicas e instrumentos dos Direitos Humanos para perceber se a escola cumpre o papel de valorizar a etnia negra qual está expresso em tais instrumentos que visam a garantia de direitos desses sujeitos sociais.

Foi realizada uma coleta dos discursos ao conversar com alguns alunos (as) de etnia negra que estão na educação infantil e professores que ensinam a esse alunos (as) de modo que possamos encontrar elementos da identidade negra ou estigmas referente a mesma. Para tal análise utilizamos como principal referencial teórico Michael Foucault qual trás que o discurso é um instrumento de poder, para que possamos compreender como essas relações de poder influenciam na construção de identidade e de novos saberes.

6. RESULTADOS OBTIDOS E ANÁLISE DOS DADOS

Utilizamos como estratégia para facilitar o diálogo, mostrar duas bonecas, uma de estereótipo europeu e outra de estereótipo de etnia negra, a partir foi direcionado algumas perguntas conforme os discursos delas.

O objetivo principal dessa atividade foi analisar a reação das crianças frente aos dois brinquedos que possuem estereótipos tão distintos e projetar um pouco da realidade escolar delas por meio desses brinquedos, bem como perceber como está o processo de construção dessa identidade, além dos estigmas já criados pela mesma. Além do questionamento de o que é próprio da criança nessa faixa etária dos 5 e 6 anos de idade e o que é o pensamento construído por influências sociais?

Para tanto os participantes da pesquisa foram duas crianças na faixa etária de 5 e 6 anos de idade, foi escolhido duas crianças de etnia e gênero diferentes porém que estudassem na mesma escola. Miguel tem 5 anos de idade, estereótipo de etnia branca e não possui transtornos de aprendizagem, Camile tem 6 anos de idade, possui estereótipo de etnia negra e também não possui transtornos de aprendizagem; ambos estudam na escola básica da UFPB.

Ao coletar os discursos nos proporcionou uma série de análises desde as questões de identidade étnico-racial ate mesmo as questões relacionada a gênero e o brincar.

Pergunta feita	Criança	Discurso
Eu tenho duas bonecas, eu quero que vocês me descrevam com ela é , como ela é fisicamente ? Ela parece com o que?	Miguel	Loura, roupa colorida, ela é branca.
	Camile	Ela tem sapato verde, ela tem cabelo cacheado
E essa outra boneca, como ela é?	Miguel	Morena *Miguel se nega a pegar na boneca e alega que “boneca é coisa de menina”
	Camile	Ela tem sapato verde, ela tem cabelo cacheado

O cabelo dela é bonito?	Miguel	*fica em silêncio e não responde*
	Camile	A morena, porque ela tem o cabelo igual ao meu
Qual das bonecas é a mais bonita?	Miguel	Porque essa boneca tem uma roupa e o cabelo dela também é loiro, igual o meu
	Camile	A morena, porque o cabelo dela tem bolinhas (cacheado)
Camile, tu tens muitos amigos aqui na escola, teus amigos parecem mais com qual das duas bonecas?	Camile	Com a boneca morena
Como você é? se descreva	Camile	Sou morena, cabelo cacheado, esqueci...
O que tu mais gosta no teu cabelo	Camile	Meus cachos
Diga o nome de um amiguinho que a professora mais gosta	Camile	De Pamela
Por que ela gosta de Pamela? Como Pamela é? Ela parece com alguma dessas bonecas?	Miguel	Com a marronzinha
Alguma criança ã gosta de brincar com vocês?	Miguel	Moises não gosta de brincar comigo. Meu melhor amigo é Samuel que me empresta brinquedos
	Camile	Porque elas querem brincar na areia e eu não
Elas elogiam teu cabelo Camile?	Camile	As vezes

O cabelo da tua mãe é igual o teu?	Camile	Não, é liso
Tu quer o cabelo igual ao do dela?	Camile	Não, porque dá muito trabalho o cabelo dela
E tu Miguel, tu parece com teus pais?	Miguel	Com meu pai
Como é teu pai?	Miguel	Igual a mim, loiro
O que tu gosta no teu corpo além de teus olhos?	Miguel	Meus cabelos porque é assim lisinho
Se ele fosse cacheado?	Miguel	Não ia gostar
Por quê não?	Miguel	Porque é de menina
Quem disse que é de menina?	Miguel	Minha mãe. As pessoas nascem já com cabelo cacheado, não gosto não. E o cabelo liso, eu posso mudar os penteados
Qual menina tu acha bonita? E por quê ela é bonita?	Miguel	Maria Clara, tem cabelo loiro e bem lisinho. O cabelo dela é mais loiro que o meu
Camile, tuas bonecas são como?	Camile	Umas loiras, outras morenas
E tu gosta mais de qual?	Camile	Das loiras, as Barbies
Vocês gostam de ver o q na tv?	Miguel	Pokemon
	Camile	Barbie
O que tu acha bonito na Barbie?	Camile	Tenho boneca loiras e morenas mas gosto mais das loiras porque parece com a Barbie. Eu queria parecer com a Barbie

Segundo Guirado (2006 p. 35) nos estudos freudianos a consciência é oriunda do inconsciente, já para Lacan o inconsciente assume a conceituação de “supra-individualidade” porque é instaurado na instancia do código, do conjunto de regras e da linguagem. O eu (ego) se põe, como sujeito da enunciação, a vida das condições de

conhecer. Diante disso, o discurso é um componente fundamental que integra a subjetividade dos indivíduos. Quando falamos algo, não só falamos um conjunto de palavras ou signos mas exprimimos o que somos de verdade. E nessa fala encontramos elementos sobre o que realmente pensamos e sentimos (a nossa subjetividade) e elementos sociais que influenciam nessa subjetividade.

Quando eu não me assumo como negra, escolho outro adjetivo para estereotipar a etnia negra ou simplesmente relato que determinada escolha minha é influenciada pela opinião de meus pais, nesse discurso, mostra como a minha subjetividade está sendo constituída pelas tantas influências sociais. E diante disso, o educador e o Psicopedagogo devem se atentar para esses discursos, desde a dificuldade em se assumir como negra (e por quê isso ocorre?) até mesmo as influências da família nessa construção de identidade étnica e de gênero, pois quantos discursos opressores a escola pode evitar se ela começar a prestar atenção aos protagonistas que estão por trás desses discursos – das falas dos estudantes e principalmente dos educadores, para que os professores e outros profissionais da educação não reproduza os muitos discursos soltos e excludentes que permeiam a sociedade.

Quando uma criança diz que não gosta de brincar de boneca porque é algo de menina, temos aí já uma introjeção de compreensão de gênero mas devemos nos atentar que gênero não é só uma característica biológica, as tais diferenças físicas entre os homens e as mulheres, mas que essa compreensão de ser menino – homem e menina- mulher é oriunda da produção dos discursos sociais e o processo de identificação e diferenciação com esses tantos discursos.

É preciso pensar o que vai além desse sujeito, o que vai além de sua representação. Quando perguntamos para uma criança se descrever, nesse ato, ela exprime como ela se vê e também como a sociedade a ver. Quando uma criança diz “gosto de meus olhos”, não é apenas porque ela os acha bonito mas também porque outras pessoas a disseram por meio de elogios. E com isso é preciso repensar isso, ou seja os padrões de beleza, e valorizar as características de cada sujeito invés de tendermos a uma homogeneização. Muitos dos problemas com a imagem surge quando as crianças ainda estão na escola, elas se sentem diferentes dos colegas, mas é preciso ter cuidado com essa diferença pois não podemos utilizar isso para ampliarmos os estigmas e os rótulos. As diferenças tem que ser valorizadas, até mesmo por meio de discursos humanizados, que todos se sintam representados, invés da diferença servir como respaldo para um processo de exclusão.

Não há uma intersubjetividade fundada em uma reciprocidade imediata, mas sim em uma relação triádica que passa pela convenção significativa. Não há uma relação direta, não mediada por um sistema ou um código. Esse sistema é o que, para Lacan, representa a função simbólica e, por sua vez, a função simbólica é a que vai permitir caracterizar o funcionamento de um inconsciente que tem basicamente a característica de ser supra-individual, porque não é reservatório do que cada indivíduo leva em seu interior mas, ao contrário, está acima do indivíduo, é um lugar, uma convenção significativa que está em relação de exterioridade com o sujeito, além do que o sujeito representa” (Guirrado, 2006)

O discurso como instrumento na produção da subjetividade de possibilita ao sujeito assumir posicionamentos: “efeito de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola, [...] tudo nos remete às condições de formação do sujeito [...] pensadas, porém, em termos sociais” (FOUCAULT, 2004, p. 40). Diante disso, é por meio do discurso que o sujeito social demonstra sua sensação de pertencimento ou não a um grupo social, por meio do discurso eu percebo se o estudante se sente bem na escola, se ele valoriza sua identidade étnico-cultural e caso ele não venha a valorizar tal identidade, é por meio dos discursos que eu tenho acesso para descobrir que elementos cooperam para essa não valorização.

Por meio do discurso, o sujeito expõe parte de sua subjetividade. E o psicopedagogo irá lidar o tempo todo com os discursos, seja os desabafos oriundos da sensação de fracasso em decorrência de uma dificuldade de aprendizagem, de uma má-interação social ou até mesmo os discursos de superação oriundos da conquista de um avanço no processo de ensino- aprendizagem. Então é preciso que tenhamos um olhar sensível para perceber esses discursos e principalmente os elementos que o compõe, assim utilizar o discurso como um instrumento para qualificar o trabalho do Psicopedagogo, que tem como objetivo principal estabelecer um processo de humanização nos espaços da construção de saberes.

7. CONCLUSÃO

Estudar discurso e principalmente como a Psicopedagogia pode se apropriar da análise do discurso é de extremo desafios, pela própria escassez de referencial que façam associar entre a subjetividade que compões nos discursos e como os processo de aprendizagem estão diretamente vinculados ao processo de formação de identidade dos sujeitos. Com isso, nos promove uma reflexão sobre o próprio espaço da escola e perceber que fatores corroboram para fortalecer as relações de poder nesse espaço educacional.

A escola é um instrumento de poder, para Foucault a escola é tida como uma instituição de seqüestro, pois ela remodela a sujeito para atuar em sociedade. Esse processo de preparo para ser um cidadão ativo na sociedade nem sempre é indolor. Vemos na escola professores com discursos encharcados de poder, autoritarismos, machismo e até racismo. O que se configura como uma praxi da violência simbólica.

A escola tem que ser mais do que educação ou dar alimento gratuito ao seu alunado. Na música ‘Comida’ da banda de Rock Brasileiro Titãs diz: “A gente não quer só comida. A gente quer comida Diversão e arte. A gente não quer só comida. A gente quer saída Para qualquer parte”. A escola não se pode limitar apenas em ser um prato de merenda e uma formadora de sujeitos com nível médio de educação. A escola precisa ter consciência que ela é um agente de transformação social, que seu papel não se acaba quando o alunado é aprovado nas provas de Vestibular. A escola pode transformar famílias, resgatar pessoas de vícios com drogas, discutir política e cidadania, ter praticas que minimizem o machismo e racismo existente em nossa sociedade.

É necessário repensar as práticas dentro de sala de aula, os discursos de poder e a excessiva formalidade rebuscada da educação formal. Que as aulas formais de matemática também se aprenda com criatividade e arte. Pensar em escola não é só analisar as políticas públicas, mas analisar as práxis, o pensar e o falar dos docentes. O livro que impõe, mas não ensina e mostrar que educação não se faz com opressão, mas com reflexão.

Principalmente compreendermos como o alunado se sente nessa escola, se o aluno negro sente valorizado nesse contexto educacional. Ao depararmos com um alunado que tenta se desvencilhar dessa identidade negra, é preciso que possamos compreender qual a genealogia desse acontecimento, que discursos está tendo padroniza-lo (ou normatizá-lo). E entender que os discurso tanto dos professores quanto do aluno são geradores de estigmas, que mesmo eu tendo que me diferenciar para construir minha identidade, não podemos confundir diferenciação com desumanização.

Diante disso o Psicopedagogo tem que compreender toda essa conjuntura para que por meio de sua atuação, a escola se torne um espaço não só de relações de poder mas que os sujeitos sociais que ali estão venham a repensar essa sociedade e emponderar, para assim possamos ser autores protagonistas de uma sociedade que realmente represente as múltiplas diversidades culturais.

ABSTRACT

This article aims to bring the results of an analysis conducted in the elementary school of the Federal University of Paraíba, because the educational context is space for the construction of identity and stigma. The speeches in this space, remodeling the subjectivity of a social subject interfering in the construction of their identity and the look he has for other subjects. Used as the main methodology to analyze statements of children who are in kindergarten, because even they being so young and in the process of identity construction we can find elements of an (un) appreciation of black ethnicity and cultural. For this we rely on Michael Foucault, Freud, Lacan to understand the formation of this discourse and understand how the educational psychologist can use the speech as an instrument of citizenship formation and in the processes of teaching and learning.

Key- words: Psicopedagogic, Subjectivity and Discourse Analysis

8. REFERENCIAS

ALENCAR, G. Relações etnicorraciais: saberes e experiências no cotidiano escolar – Londrina: UEL, 2010.

Branco. Guilherme Castelo (orgs) Foucault: filosofia e política – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011 (Coleção Estudos Foucaultianos)

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
FOUCAULT. Michel. Genealogia Del Racismo. La Plata, Argentina. Editorial Altamira

Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial -1968

Constituição Federal Brasileira de 1988

DAYREL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. P. 136-161

Dijk, Teun A. Van. Discurso e poder, 2 ed. – São Paulo: Editora Contexto 2012

FERNANDES, Cleudemar Alves. Discurso e sujeito em Michael Foucault. Apresentação de Vanice Sargentini. – São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT. Michel, 1926- 1984. Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978); edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; - São Paulo: Martins fontes, 2008- (Coleção Tópicos)

____. Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979); edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; - São Paulo: Martins fontes, 2008- (Coleção Tópicos)

____. Do Governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979- 1980: aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980/ Michel Foucault; tradução, transcrição e notas de Nildo Avelino. – São Paulo: Centro de Cultura social, 2009.

____. Vigiar e Punir. Trad. Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987

____. História da Sexualidade I: A vontade de saber, tradução de Maria Thereza da costa. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988. Do original em francês: Histoire de la sexualité I: la vontade de savoir.

____. Sujeito e Poder In: Dreyfus, H. Michel Foucault : Uma trajetória Filosófica. Trad. Vera Porto Carrero Ed. Forense Universitária Rio de Janeiro 1995

____. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Roberto Cabral de Meio Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau, 2003b.

Goffman, Erving, 1922-1982. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada – 4. Ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIRRADO, Marlene. Psicanalise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico. Ed. Ver. Ampl, - São Paulo: E.P.U., 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas: EDUNICAMP, 1990.